

Amostra

# BROTHERSONG

Amostra

# TJ KLUNE

# BROTHERSONG

O LEGADO  
Green Creek, volume 4

Tradução  
Natalia Silva



# Brothersong

Copyright © 2026 MORRO BRANCO

MORRO BRANCO é uma editora do Grupo Editorial Alta Books (Starlin Alta e Consultoria Ltda.)

Copyright © 2020 TJ KLUNE

ISBN: 978-65-6099-106-4

*Translated from original Brothersong: A Green Greek Novel: 4 (Green Greek, 4). Copyright © 2020 by TJ Klune. ISBN 978641670058. This edition is published by arrangement with The Knight Agency, through International Editors & Yáñez Co's. L. PORTUGUESE language edition published by Starlin Alta Editora e Consultoria Ltda., Copyright © 2026 by Starlin Alta Editora e Consultoria Ltda.*

Impresso no Brasil – 1ª Edição, 2026 – Edição revisada conforme o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 2009.



Todos os direitos estão reservados e protegidos por Lei. Nenhuma parte deste livro, sem autorização prévia por escrito da editora, poderá ser reproduzida ou transmitida. A violação dos Direitos Autorais é crime estabelecido na Lei nº 9.610/98 e com punição de acordo com o artigo 184 do Código Penal.

O conteúdo desta obra foi formulado exclusivamente pelo(s) autor(es).

Esta é uma obra de ficção. Os nomes, personagens, lugares, organizações e situações retratadas são produtos da imaginação do autor. Qualquer semelhança com pessoas reais, vivas ou mortas, eventos ou localidades é mera coincidência.

**Produção Editorial:** Grupo Editorial Alta Books

**Diretor Editorial:** Anderson Vieira

**Vendas Governamentais:** Cristiane Mutüs

**Coordenadora Editorial:** Illysabelle Trajano

**Produtora Editorial:** Beatriz de Assis

**Tradução:** Natalia Silva

**Copidesque:** Paulo Henrique de Aragão

**Revisão:** Denise Himpel



Rua Viúva Cláudio, 291 – Bairro Industrial do Jacaré  
CEP: 20.970-031 – Rio de Janeiro (RJ)

Tels.: (21) 3278-8069 / 3278-8419

[www.altabooks.com.br](http://www.altabooks.com.br) – [altabooks@altabooks.com.br](mailto:altabooks@altabooks.com.br)

Ouvidoria: [ouvidoria@altabooks.com.br](mailto:ouvidoria@altabooks.com.br)

Editora  
afilada à:



ASSOCIADO



Para o meu *bandobandobando*.

Amostra

Amostra

*eu ouço teu coração  
um estrondo retumbante  
meu irmão e meu amigo  
uiva tua canção e guia-me de volta para casa  
juntos até o fim*

Amostra





desaparecido

— UM LOBO — disse meu pai certa vez — só é tão forte quanto seu laço. Sem um laço, sem algo que o faça se lembrar da própria humanidade, ele se perde.

Olhei para cima com olhos arregalados. Eu achava que ninguém jamais poderia ser tão grande quanto meu pai. Ele era tudo o que eu via.

— Sério?

Ele assentiu, segurando minha mão. Caminhávamos pela floresta. Kelly queria ter vindo conosco, mas o papai disse que ele não podia.

Kelly chorou, só parando quando prometi que voltaria e que brincaríamos de esconde-esconde.

— Você promete?

— Prometo.

Eu tinha oito anos. Kelly, seis. Nossas promessas eram importantes.

A mão do meu pai engolia a minha, e eu me perguntava se um dia seria como ele quando crescesse. Eu sabia que não seria um Alfa. Seria o Joe, embora eu não entendesse como meu irmão de dois anos poderia ser Alfa de *qualquer coisa*. Fiquei com ciúmes quando meus pais disseram que Joe seria algo que eu nunca poderia ser, mas isso logo passou quando Kelly disse que estava tudo bem, Carter, porque isso significa que você e eu sempre seremos iguais.

Depois disso, nunca mais me preocupei.

— Em breve — disse meu pai — você estará pronto para sua primeira transformação. Vai ser assustador e confuso, mas, enquanto tiver seu laço, tudo

ficará bem. Você poderá correr comigo, com sua mãe e com o resto do nosso bando.

— Mas eu já faço isso — lembrei-o.

Ele riu.

— Faz mesmo, não é? Mas você será mais rápido. Não sei se vou conseguir te acompanhar.

Fiquei chocado.

— Mas... você é o *Alfa*. De *todos nós*.

— Sou — concordou. — Mas não é isso o que importa. — Parou debaixo de um grande carvalho. — O que importa é o coração que bate dentro do seu peito. E você tem um coração incrível, Carter, um que bate tão forte que acho que talvez você possa ser o lobo mais rápido que já existiu.

— Uau — murmurei.

Ele soltou minha mão antes de se sentar no chão, encostando-se no tronco da árvore. Cruzou as pernas, com um gesto para eu fazer o mesmo. Sentei rápido, sem querer que ele mudasse de ideia sobre o quanto eu poderia ser veloz. Meus joelhos se encostaram nos dele quando imitei sua postura.

Ele sorriu para mim e disse:

— Um laço para um lobo é algo precioso, guardado com muito zelo. Pode ser um pensamento ou uma ideia. O sentimento de bando. De lar.

— O sorriso dele diminuiu um pouco. — Ou de onde o lar deveria ser. Nós, por exemplo. Estamos aqui no Maine, mas não acho que seja nosso lar. Estamos aqui por compromisso. Por causa de algo que preciso fazer. Mas, quando penso em lar, penso numa cidadezinha no oeste, e sinto uma saudade enorme.

— Podemos voltar — falei para meu pai. — Você é o chefe. Podemos ir para onde quisermos.

Ele negou com a cabeça.

— Eu tenho uma responsabilidade, à qual sou grato. Ser um Alfa não é fazer o que se quer. É considerar as necessidades de muitos. Seu avô me ensinou. Ser Alfa significa colocar os outros acima de si mesmo.

— E esse vai ser o Joe — falei, em tom duvidoso. A última vez que o vi, ele estava na cadeirinha da cozinha, com a mamãe brigando porque ele estava enfiando cereais no nariz.

Meu pai riu.

— Um dia. Ainda vai demorar. Hoje é sobre você. Você é tão importante quanto seu irmão, assim como Kelly. Mesmo que o Joe vá ser o Alfa, ele vai se guiar por você. Um Alfa precisa de alguém como vocês dois, em quem ele possa confiar, a quem recorrer quando estiver inseguro. E você vai precisar ser forte

por ele. Estamos aqui por isso. Você não precisa saber qual é seu laço hoje, mas vou pedir que comece a pensar nisso e no que poderia ser...

— Pode ser uma pessoa?

Ele hesitou. Então:

— Por que pergunta?

— Pode?

Ele me encarou por um longo tempo.

— Pode. Mas ter uma pessoa como laço pode ser... complicado.

— Por quê?

— Porque as pessoas mudam. Não permanecemos os mesmos. Aprendemos, crescemos e, a partir de novas experiências, nos tornamos algo diferente. Às vezes, as pessoas não são... bem, não são quem deveriam ser ou quem pensamos que são. Mudam de maneiras que não esperamos e, enquanto queremos que se lembrem dos momentos bons, elas só conseguem se concentrar nos ruins. E isso cobre o mundo delas de sombras.

Havia uma expressão no rosto dele que eu nunca tinha visto antes, e isso me deixou inquieto. Mas desapareceu antes que eu pudesse questionar.

— Um laço é um segredo?

Ele assentiu.

— Pode ser. Ter um laço é... é ter um tesouro. Diferente de tudo no mundo. Alguns até dizem que é mais importante do que ter uma parceira.

Fiz uma careta.

— Não ligo pra isso. Garotas são estranhas. Eu não quero uma parceira. Seria idiotice.

Ele riu baixinho.

— Vou te lembrar disso quando o dia chegar. E mal posso esperar para ver a sua cara.

— Qual é o seu? Pode me contar. Eu não vou falar pra ninguém.

Ele apoiou a cabeça no tronco da árvore.

— Promete?

Assenti depressa.

— Prometo.

Quando meu pai sorria de verdade, dava para ver em seus olhos. Era como uma luz brilhando por dentro.

— São todos vocês. Meu bando.

— Ah.

— Parece decepcionado.

Dei de ombros.

— Não tô. É só que... você sempre fala de bando, bando, bando. — Franzi o rosto. — Acho que faz sentido.

— Que bom que pensa assim.

— E é o mesmo para a mamãe?

— Sim. Ou pelo menos era. Laços podem mudar com o tempo. Assim como as pessoas, elas evoluem. A ideia de bando, pode acabar se tornando algo mais específico. Mais concentrado. Para ela, são os filhos. Você, Kelly e Joe. Começou com você e cresceu com a chegada dos seus irmãos. Ela faria qualquer coisa por vocês.

Um fogo ardeu no meu peito, quente e acolhedor.

— O meu nunca vai mudar.

Meu pai me olhou com curiosidade.

— Por quê?

— Porque não vou deixar.

— Parece que você já sabe o que é.

— Eu sei.

Ele se inclinou para frente, segurando minhas mãos.

— Vai me contar?

Olhei para meu pai. Eu ainda era pequeno demais para compreender a profundidade do que sentia por ele. Tudo o que eu sabia era que ele estava ali, me perguntando algo que parecia importante, algo só nosso. Um segredo.

— Você não pode contar pra ninguém.

Seus lábios dele se contraíram.

— Nem pra sua mãe?

Franzi a testa.

— Bom, pra ela tudo bem, eu acho. Mas pra mais ninguém!

— Eu juro — disse, e como ele era um Alfa, eu sabia que falava sério.

— Kelly. É o Kelly.

Ele fechou os olhos. Sua garganta fez um barulho quando engoliu em seco.

— Por quê?

— Porque ele precisa de mim.

— Isso não.... —

— E eu preciso dele.

Ele abriu os olhos. Pensei ter visto um lampejo vermelho.

— Fale mais.

— Ele não é como o Joe. O Joe vai ser o Alfa, grande e forte como você, e todo mundo vai ouvir o que ele disser porque ele vai saber o que fazer. Você vai ensinar. Mas o Kelly sempre vai ser um Beta, como eu. Nós somos iguais.

— Eu percebi.

Eu precisava que ele entendesse.

— Quando tenho pesadelos, ele não zomba de mim, ele diz que tudo vai ficar bem. Quando ele machucou o joelho e demorou pra sarar, eu cuidei dele e disse que não tinha problema chorar, mesmo sendo menino. Meninos também podem chorar.

— Podem, sim — sussurrou meu pai.

— E eu penso nele o tempo todo — falei. — Quando me sinto triste ou com raiva, penso nele e me sinto melhor. É isso o que laços fazem, não é? Deixam a gente feliz. O Kelly me deixa feliz.

— Ele é seu irmão.

— É mais do que isso.

— Como?

Eu estava frustrado. Não sabia como colocar em palavras os pensamentos na minha cabeça. Palavras que mostrassem a ele até onde isso poderia chegar. Por fim, falei:

— Ele é... ele é tudo.

Por um instante, achei que tinha dito a coisa errada. Meu pai me olhava de um jeito estranho, e eu me encolhi. Mas, em vez de me repreender, ele me puxou para perto, e foi como se eu fosse filhote de novo, me acomodando entre as pernas dele, minhas costas contra seu peito. Ele me envolveu em seus braços, seu queixo no topo da minha cabeça. Senti seu cheiro e, no fundo da minha mente, uma voz antes fraca sussurrou tão forte quanto eu jamais tinha ouvido.

*bandobandobando*

— Você me surpreende — disse meu pai. — Todos os dias você me surpreende. Tenho tanta sorte de ter alguém como você. Nunca, jamais, se esqueça disso. E se você diz que seu laço é o Kelly, então assim será. Você vai ser um bom lobo, Carter. E mal posso esperar para ver o homem que vai se tornar. Não importa onde eu esteja, não importa o que tenha acontecido, vou me lembrar desse presente que você me deu. Obrigado por compartilhar seu segredo. Vou guardá-lo em segurança.

— Mas você não vai a lugar nenhum, né?

Ele riu de novo e, mesmo sem podervê-lo, eu sabia que estava sorrindo até os olhos.

— Não. Não vou a lugar nenhum. Não por um longo, longo tempo.

Ficamos ali, debaixo de uma árvore no refúgio, nos arredores de Caswell, no Maine, pelo que pareceram horas.

Só nós dois.

E quando finalmente voltamos para casa, o Kelly estava me esperando na varanda, mordendo seu lábio inferior. Ele se iluminou ao me ver e quase

tropeçou ao descer correndo os degraus. Conseguiu se equilibrar e me derrubou na grama, enquanto nosso pai nos assistia. Kelly levantou as mãos acima da cabeça e uivou em triunfo, um som estrondoso que não parecia em nada com o dos outros lobos.

Olhei para ele sorrindo.

— Uau. Você é tão forte!

Ele apertou meu nariz.

— Você ficou longe por *séculos*. Fiquei entediado. Por que demorou tanto?

— Tô aqui agora — falei. — E não vou te deixar de novo.

— Promete?

— Sim. Prometo.

E, enquanto abraçava meu laço bem apertado, ouvindo ele falar animado no meu ouvido sobre como o Joe tinha enfiado *dois* cereais no nariz e como a mamãe tinha ficado brava quando o tio Mark riu, eu disse a mim mesmo que era uma promessa que cumpriria para sempre.

— MEU JESUS CRISTO! — falei, irritado. — Você precisa mesmo me seguir em todo lugar? Cara, sério. Cai fora.

O lobo-oriental me lançou um olhar feroz.

Inclinei a cabeça, ouvindo.

Todos estavam dentro de casa. Eu conseguia escutar a mamãe e Jessie rindo de alguma coisa na cozinha.

Balancei a cabeça em direção à floresta.

O lobo bufou.

Eu corri.

Ele veio atrás.

Caí na risada quando ele arranhou meus calcanhares, me instigando a correr mais, e, na minha mente, fingei ouvir a voz de lobo dele dizendo: *mais rápido mais rápido mais rápido preciso correr mais rápido para poder caçar para poder pegar você para poder devorar você*.

Fomos fundo na floresta, passando pela clareira, indo até os limites mais distantes do nosso território. O lobo nunca corria na frente, sempre ao meu lado, com a língua pendendo para fora da boca.

Corremos por quilômetros, o cheiro da primavera era tão verde que eu quase podia prová-lo.

Por fim, parei, o peito arfando, os músculos ardendo de tanto esforço.

Desabei no chão, de braços e pernas abertos, enquanto o lobo andava em círculos ao meu redor, cabeça erguida, farejando o ar, as orelhas se movendo. Quando decidiu que não havia ameaça, deitou-se ao meu lado, a cabeça sobre meu peito, o rabo enrolado sobre minhas pernas. Soprou um bafo irritado no meu rosto.

Revirei os olhos.

— Preciso manter as aparências. Tenho uma reputação a zelar. Você sabe a quantidade de merda que eu vou ouvir se alguém descobrir? — Dei um peteleco na testa dele.

Ele rosnou, mostrando os dentes.

— Tá, tá. E eu também não estava exatamente mentindo. Você me segue pra todo lado. Um homem precisa conseguir cagar em paz sem um cachorro gigante arranhando a porta. Não me vê te encarando quando você tá agachado no quintal.

Ele fechou os olhos.

Dei outro peteleco nele.

— Não me ignore.

Ele abriu um olho. Para algo que não era exatamente humano, ele com certeza sabia demonstrar irritação.

— Tá bom, cara. Só tô dizendo.

Ele espirrou em mim.

— Babaca de merda — resmunguei, limpando o rosto. — Pode esperar. A sua hora vai chegar. Ração. Vou garantir que você só coma ração daqui pra frente.

Nuvens pesadas passaram sobre nossas cabeças. Eu ri quando uma libélula pousou entre as orelhas dele, fazendo-as se achatarem. As asas translúcidas bateram rápido antes de ela voar.

Ele era um peso enorme em cima de mim.

Antes eu achava esmagador.

Agora, era como uma âncora me mantendo no lugar.

Deveria me incomodar mais do que incomodava.

Ele resmungou, uma pergunta sem palavras, a respiração quente contra meu peito, através da minha camisa fina.

— O de sempre. Quem, como, por quê. Sabe como é.

*Quem é você?*

*Como ficou assim?*

*Por que não consegue voltar à forma humana?*

Perguntas que eu já tinha feito repetidas vezes.

Ele resmungou de novo, os lábios se retraindo sobre os dentes.

— Eu sei, cara. Tanto faz, sabe? Você vai entender quando estiver pronto. Só que... talvez pudesse ser mais cedo do que tarde, sabe? Tipo, seria tão ruim se você... para de rosnar pra mim, seu babaca! Ah, vai se foder, cara. Não fale comigo nesse tom.

Ele moveu a cabeça, cutucando meu braço com o focinho.

Eu o ignorei.

Ele pressionou mais forte, mais insistente.

Suspirei.

— Você é mimado. É isso o que há de errado aqui. Você acha que tá de boa. E está mesmo. Talvez até demais. — Mas fiz o que ele queria, pousando a mão sobre sua cabeça, coçando atrás das orelhas.

Ele fechou os olhos de novo enquanto se acomodava.

Nós nos deixamos levar, só nós dois. O mundo ao redor ficou turvo, as bordas como num sonho. Horas se passaram, em alguns momentos, cochilamos, em outros apenas... existimos.

— Você pode, sabia? — falei. — Se quiser. Eu não sei o que aconteceu com você. Eu não sei de onde você veio nem com o que teve que lidar. Mas você está seguro aqui. Está seguro com a gente. Comigo. Nós podemos te ajudar. O Ox... ele é um bom Alfa. O Joe também. Eles podiam ser seus, se você quisesse. E aí, talvez eu pudesse ouvir sua voz. Digo, totalmente sem segundas intenções, mas acho que seria... legal.

Ele começou a tremer.

Olhei para ele, achando que tinha algo errado.

Não tinha.

O desgraçado estava *rindo* de mim.

Eu o empurrei para longe.

— Idiota.

Ele rolou de costas, as patas para o ar, se esfregando no chão. Depois caiu de lado, a boca aberta num bocejo feroz.

— Seria tão ruim assim? — sussurrei. — Voltar à forma humana? Você não pode ficar assim pra sempre. Não pode se perder no seu lobo. Vai esquecer como encontrar seu caminho de volta pra casa.

Ele virou a cabeça para o outro lado.

Eu havia insistido o bastante por hoje. Sempre poderia tentar de novo amanhã. A gente tinha tempo.

Sentei, esticando os braços acima da cabeça.

O rabo dele bateu no chão.

— Certo, onde a gente tinha parado da última vez? Ah. É. O Ox e o Joe tinham decidido que era hora de se tornarem parceiros. No que, honestamente,

eu tento não pensar porque é o meu irmãozinho, sabe? E se eu *penso* nisso, me dá vontade de socar o Ox na boca porque é o meu irmãozinho. Mas que diabos eu entendo, né? Então, o Ox e o Joe... bom. Você sabe. Transaram. E foi esquisito e nojento pra caralho, porque eu podia *sentir*. Ah, cala a boca, não desse jeito. Quero dizer que eu podia *sentir* quando o vínculo de parceiros deles se formou. Todos nós sentimos. Foi como uma... uma luz. Ardendo em todos nós. A mamãe disse que nunca tinha ouvido falar de um bando com dois Alfas antes, mas fazia sentido acontecer com a gente, do jeito maluco que éramos. O Ox é... bom. Ele é o Ox, né? O Jesus dos lobisomens. E aí ele e o Joe saíram da casa, e eu *nunca* quero sentir aquele cheiro no meu irmãozinho de novo. Foi como se ele tivesse se *lambuzado* em porra, e o Kelly e eu seguramos a risada porque... que *merda*? A gente zouu ele tanto por isso. Aquele... aquele foi um bom dia.

Olhei para baixo.

Ele me observava com olhos violetas.

— E foi assim que terminou. Pelo menos a primeira parte. Ainda faltam o Mark e o Gordon para...

A cauda dele se agitou de um jeito perigoso. Seu corpo ficou tenso.

Minha mão parou.

— Por que você fica assim toda vez que eu falo do Gordon? Eu sei que você é um Ômega e tal, e que provavelmente tem alguma magia maldita dos Livingstone em você, mas não é culpa dele. Você realmente precisa superar, seja lá o que tenha de errado com você. O Gordon é gente boa. Quer dizer, sim, ele é um babaca, mas você também. Vocês dois têm mais em comum do que imaginam. Às vezes, vocês até fazem as mesmas expressões faciais.

Ele avançou contra mim.

Eu ri e caí de costas na grama, as mãos atrás da cabeça.

— Tá bom. Fica assim, então. A gente não precisa falar sobre isso hoje. Sempre existe o amanhã.

Ficamos ali, só nós dois, até o céu começar a se tingir de vermelho e laranja.

**QUANDO ME SENTEI PELA** última vez à mesa do meu pai morto, numa manhã gelada de inverno, me perguntei o que ele pensaria de mim.

Uma vez ele me disse que decisões difíceis precisam ser tomadas de cabeça fria. Era a única forma de garantir que estivessem certas.

A casa estava silenciosa. Todos tinham ido embora.

Meu pai foi um homem orgulhoso. Um homem forte. Houve um tempo em que achei que ele não podia errar, que era absoluto em seu poder, que sabia de tudo.

Mas não era.

Para alguém como ele, um lobo Alfa de uma longa linhagem de lobos, foi terrivelmente humano nos erros que cometeu, nas pessoas que feriu, nos inimigos em quem confiou.

Ox.

Joe.

Gordon.

Mark.

Richard Collins.

Osmond.

Michelle Hughes.

Robert Livingstone.

Ele estava errado sobre todos eles. Sobre as coisas que fez.

E ainda assim... ele era meu pai.

Eu o amava.

Se eu me esforçasse o bastante, se realmente tentasse, quase podia sentir o cheiro dele impregnado nas paredes desta casa, na terra deste lugar que já tinha visto tanta morte.

Eu o amava.

Mas também o odiava.

Achei que era isso que significava ser filho: acreditar tanto em alguém a ponto de ficar cego para todos os seus defeitos... até não mais. Thomas Bennett não era infalível. Não era perfeito. Eu conseguia ver isso agora.

Dias atrás, eu estava à beira de um precipício.

Abaixo, um vazio.

Hesitei. Mas vi que já vinha caindo há muito tempo. Só não tinha percebido.

Aquele passo final veio mais fácil do que eu esperava. Eu já estava preparado.

Havia esvaziado minhas contas bancárias. Arrumado minhas malas. Tinha me preparado para fazer o que achava que precisava.

E isso me trouxe até aqui. Agora.

Este momento em que eu sabia que nada nunca mais seria o mesmo.

Olhei para o monitor do computador em cima da mesa.

Vi uma versão de mim mesmo olhando de volta, uma versão que eu não reconhecia. *Este* Carter tinha olhos de peixe morto e olheiras escuras embaixo deles. *Este* Carter havia emagrecido, com seus ossos do rosto mais pronunciados. *Este* Carter tinha a pele pálida. *Este* Carter sabia o que significava perder algo tão

precioso e ainda assim estar prestes a piorar tudo. *Este Carter tinha levado golpe após golpe, após golpe, e para quê?*

Este Carter era um estranho.

E ainda assim, era eu.

Minha mão tremia quando a apoiei sobre o mouse, sabendo que, se eu não fizesse isso agora, não faria nunca.

*E este é o ponto, meu pai sussurrou. Você é um lobo, mas ainda é humano. Você dá tudo de si, e ainda assim sangra. Por que piorar as coisas? Por que fazer isso consigo mesmo? Com seu bando? Com ele?*

Ele.

Porque sempre voltava a ele.

Eu achava que sempre voltaria.

A foi por isso que, quando cliquei no pequeno ícone na tela para começar a gravação, o nome dele foi a primeira coisa que saiu dos meus lábios.

— Kelly, eu...

E ah, as coisas que eu poderia dizer. A simples *magnitude* de tudo o que ele era para mim. Minha mãe me disse, quando eu era pequeno, que eu nunca esqueceria meu primeiro amor. Que mesmo quando tudo parecesse escuro, quando tudo estivesse perdido, haveria aquela pequena luz pulsante da memória guardada bem lá no fundo.

Ela estava falando de uma garota sem rosto.

Ou de um garoto.

Ela não sabia que eu já tinha conhecido meu primeiro amor.

Minha garganta doía.

Eu estava tão cansado.

— Eu te amo mais do que qualquer coisa neste mundo. Por favor, lembre-se disso. Eu sei que isso vai doer, me desculpe. Mas eu tenho que fazer isso.

Afastei o olhar, incapaz de assistir ao homem quebrado falar mais do que podia suportar.

— Olha, tem esse garoto. A melhor coisa que já me aconteceu. Ele me deu coragem para defender aquilo em que acredito, para lutar por quem eu me importo. Ele me ensinou a força do amor e da irmandade. Ele me tornou uma pessoa melhor.

Tentei sorrir para que ele soubesse que eu estava bem. O sorriso se abriu largo no meu rosto, estranho e duro, antes de rachar e ruir.

— Você, Kelly — disse eu, rouco. — Sempre você. Você é a melhor coisa que já me aconteceu.

Olhei pela janela. Havia geada no vidro. A neve começava a cair.

— Você é a minha primeira lembrança. A mamãe estava te segurando, e eu queria pegar você pra mim, te esconder para ninguém te machucar.

Era tudo turvo, com bordas enevoadas como se não passasse de um sonho. Minha mãe vestia um moletom, o rosto livre de maquiagem. Sua pele parecia macia e radiante. Ela falava baixinho, mas suas palavras se perderam para mim, um murmúrio suave que desapareceu no instante em que vi quem ela segurava.

Uma mãozinha se ergueu, os dedos abrindo e fechando.

E lá, nos recantos da minha mente, eu a ouvi pronunciar quatro palavras que mudaram tudo sobre quem eu era.

Ela disse:

— Olha. Ele te conhece.

Eu não entendia, naquela época, o terremoto que isso causaria em mim.

Cutuquei sua bochecha gordinha, maravilhado com como a pele se encovava.

Ele piscou para mim, olhos brilhantes e azuis, azuis, azuis.

Ele fez um som. Um barulhinho.

E eu renasci.

— Você é o meu primeiro amor — disse eu naquele quarto vazio, perdido na lembrança de como sua mão tinha se enrolado com tanto cuidado no meu dedo. — Eu soube disso quando você sempre sorria ao me ver, e era como olhar diretamente para o sol.

Engoli em seco, desviando o olhar da janela.

— Você é meu coração — falei, sabendo que havia a chance de que ele nunca me perdoasse. — Você é minha alma. Eu amo a mamãe. Ela me ensinou a bondade. Eu amo o papai. Ele me ensinou a ser um bom lobo. Eu amo o Joe. Ele me ensinou que a força vem de dentro.

Minha respiração falhou no peito, mas segui em frente. Ele precisava ouvir isso de mim. Ele precisava saber o porquê.

— Mas você foi o meu maior professor. Porque com você eu entendi a vida. O que significava amar alguém de forma tão cega e sem reservas. O que significava ter um propósito. Ter esperança. Tenho sido o irmão mais velho durante a maior parte da minha vida, e é a melhor coisa que eu poderia ser. Sem você, eu não seria nada.

Doía respirar.

— Eu sei que você vai ficar com raiva. Mas espero que entenda, pelo menos um pouco. — Olhei de volta para a tela. — Porque eu tenho esse buraco no peito. Esse vazio. E sei o motivo. É por causa dele.

*Ir. Com você. Eu vou. Com você. Não. Não toque. Neles.*